

ÍNDICE

Eduardo Águaboa	
Outro tempo que não o tempo	6
Rita Marrafa de Carvalho	
Outro tempo que não o tempo	8
Eduardo Águaboa	
A farfalhar comigo	14
Rita Marrafa de Carvalho	
Estás a farfalhar com quem?	18
Eduardo Águaboa	
Baile na marginal	21
Rita Marrafa de Carvalho	
O Baile	24
Eduardo Águaboa	
Carta a Maria dita Tomé	29
Rita Marrafa de Carvalho	
From: Maria Tomé Costa \mariatcosta22@gmail.com\ To: Tony Meireles \daisystarm@iol.com.br\ Data: 09/03/2010 Assunto: Help!!	31
Eduardo Águaboa	
Começo a ficar farto de ti	33
Rita Marrafa de Carvalho	
Fartinho	36
Eduardo Águaboa	
De que lado chove?	38
Rita Marrafa de Carvalho	
Chove, chove	41
Eduardo Águaboa	
Nem apertando-lhe o nariz	43
Rita Marrafa de Carvalho	
Aperta-me	45
Eduardo Águaboa	
Os sonhos de Diana	47
Rita Marrafa de Carvalho	
Os sonhos de Diana II	50

Eduardo Águaboa	
Quem – jura + sente	52
Rita Marrafa de Carvalho	
Sentes a minha jura?	55
Eduardo Águaboa	
Rendição do anjo	57
Rita Marrafa de Carvalho	
O golo do anjo	60
Eduardo Águaboa	
Se tu fosses a tal	62
Rita Marrafa de Carvalho	
A tal	64
Eduardo Águaboa	
Azara (ou nem a Segurança Social deu pelo facto)	69
Rita Marrafa de Carvalho	
A-zar	71
Eduardo Águaboa	
Declaração de ódio	74
Rita Marrafa de Carvalho	
<i>Die, bastard, die</i>	76
Eduardo Águaboa	
Mata-me, mas devagarinho, sim?	79
Rita Marrafa de Carvalho	
Devagar	81
Eduardo Águaboa	
Comédias da vida	83
Rita Marrafa de Carvalho	
Vidas de comédia	84

OUTRO TEMPO QUE NÃO O TEMPO

Tentando etiquetá-lo na memória, sentou-se na cadeira que estava frente ao quadro.

Mirou e fixou-se naquela rapariga a que o pintor chamou Carolina.

Em todas as mulheres que conhecera havia qualquer coisa que não estava bem. Ou eram demasiado A ou demasiado B. Fortes de mais, mamilos a mais, mamilos a menos, sempre qualquer coisa que falhava. Era duro de dizer, mas eram assim – pensava – o ego humano. E ia-se abaixo.

Mas a tarde de recapitulações angustiosas mudou radicalmente no olhar daquele quadro.

Jamais imaginou que um pintor conseguisse retratar alguém daquela maneira.

Os olhos pintados fixavam também os naturais, porventura admirados do encontro, do espanto e da mudança, até porque os naturais não tinham o calor nem a graça dos da pintura. Isso era bem notório.

Mas pouco durou a sensação de diferença, já que os olhos, trocando toda uma casta de inspirações novas, se embeberam uns nos outros e ambos nos seus velhos pecados.

Depois, o corpo bem oleado de Carolina, com doce tranquilidade, escorrendo calmarias, desceu da tela e da pintura para se sentar na frente dele.

Inclinou-se, estendeu os braços sobre os joelhos dele e abriu as mãos.

Ele entregou-lhe as suas e as quatro apertaram-se calorosamente até se ensoparem em ideais fantasiosos.

Nenhum perguntou nada que se relacionasse com o passado, porque ainda não havia passado. Ambos estavam no presente e as horas tinham parado, tão espontâneas, tão instantâneas e tão intermináveis.

Depois vieram coisas que saem da boca incontrolavelmente, as palavras mais doces que lábios de homem ou de mulher jamais proferiram. As mais ardentes também.

Seguiram-se-lhes rogos e promessas ingenuamente atrevidas, que depressa se cumpriram, logo ali. Não lhes faltou nem eloquência nem desembaraço.

Carolina voltou para a tela, despenteada e tranquila.

Como nos sonhos, os pensamentos, gestos e actos mediram-se naquela tarde por outro tempo, que não o tempo. Fez-se tudo em cinco ou seis minutos, tantos foram os que a recepcionista do jornal despendeu em ir informar o Director que estava ali o escritor dos amores imperfeitos.

OUTRO TEMPO QUE NÃO O TEMPO

Peça lá a sua mãe, dizia-me. Chato, perseguia-me no mercado da Boa-Hora. Diga-lhe qualquer coisa. Explique-lhe que é arte. Apenas arte. Com o saco das uvas e das couves, afastava-o Deixe-me da mão, homem. Minha mãe não vai deixar. Esqueça. E nem na banca do peixe, apesar dos olhos ameaçadores da Dona Alzira enquanto descamava os carapaus, ele me largava. Ouça. Não custa nada. Eu vou lá se quiser. Explico o que faço, quem sou e o que quero. Só preciso de dois minutos. Era assim todos os dias, há duas semanas. Não era um feio homem, mas um homem persistente. Parava no botequim da Travessa das Florindas e veio atrás da minha saia numa quinta-feira, depois da missa.

Ouça lá, a moça já não lhe disse que não quer saber de si para nada? Deslargue-a ou eu chamo a polícia! E mantinha a eficaz labuta no último carapau antes de o embrulhar no jornal. Deixe estar, Dona Alzira, é inofensivo, apesar de tudo.

Eu subia a calçada e ele atrás, tropeçando nos socalcos dos carris do eléctrico. *Carolina!...* parei a centímetros do passeio. *Como é que sabe que sou Carolina?* Estava ofegante. *Perguntei, ora! O bairro é pequeno.* Voltei ao caminho da calçada e ele voltou atrás de mim. *Você anda depressa para rapariga.* Sorri sem lhe virar o rosto. *Vou segui-la até sua casa e falo com a sua mãe...* Voltei a sorrir. *Faça o que bem entender!* Mantive o passo e já perto do palácio, entrei na vila. *É aqui?* Não respondi... Minha mãe, sentada à porta depe-

nando a galinha do alguidar de água quente, parou quando me aproximei. Beijei-a numa das faces e entrei enquanto a ouvia.

E quem é este? Gritei-lhe lá de dentro. Pergunte-lhe! Deitou a cabeça mole da galinha adormecida no colo e mirou-o de alto a baixo.

– O que é que vossemecê quer?

– Bem, permita-me que me apresente. Emídio Garcês. Um seu criado.

Quis beijar-lhe a mão mas minha mãe manteve-se empenhada em livrar-se das penas do pescoço do bicho. Apertou as rugas dos lábios e continuou.

– E que tenho eu ou os meus a ver com isso?

– Ainda bem que pergunta. Dá-me licença? Sentou-se na beira da floreira e continuou. Vim encostar-me à porta para o ouvir roendo uma romã.

– Há muito que admiro a sua filha...

– Ah, sim?

– Mas com todo o respeito, repare. Sou um artista. Sou pintor.

– Humm... e então?

– E, então, há muito que desejo pintar a sua filha – a galinha voltou a pousar no colo. As rugas dos lábios encovaram para a ouvir dizer:

– Pintar?

– Sim, pintar! Imortalizá-la num quadro.

Minha mãe voltou a cabeça para mim. Limpava eu minhas mãos ao avental, manchando-o de um vermelho aguoso enquanto lhe respondi à pergunta.

– Sabias disto, rapariga? Dos intentos deste homem?

– *Sabia, minha mãe. Mas não olhe para mim. Disse-lhe sempre que não. Que minha mãe não permitira tal coisa.*

– *Humm...*

O homem chato, agora de nome Emídio, alisava a seda do chapéu com o polegar. Suava em bica e as linhas de água ensopavam-lhe o colarinho apertado. Sem tirar os olhos do bicho nu, voltou às penas enquanto lhe dizia:

– *E que ganha ela com isso?*

– *Er... como assim? Ganhar? Notoriedade, pois então! A imortalidade! A vitória contra o tempo. Sabe quanto vale isso?*

– *Muito pouco.*

– *Muito pouco, senhora? Não diga tal coisa.*

– *Ah, pois digo. A pequena vai ganhar as bocas do povo, se a vêem nos preparos de um quadro, parada numa parede. Vão zombar de nós, que somos pobres.*

– *Não, não. Entende mal, se me permite. A Carolina será uma deusa a óleo. Uma ninfa!*

– *Uma quê?*

– *Uma mulher inspiradora e motivo de invejas.*

– *Não quero cá disso.*

– *Espere... Carolina tem um rosto raro, minha senhora.*

– *Chama-a agora de esquisita?*

– *Não, de todo. Raro. Precioso.*

– *Isso. Precioso. E que ganha ela com isso?*

– *Bem... acha que a intemporalidade não chega?*

– *Não, está visto que não.*

O homem, cada vez mais nervoso, ajeitava o traseiro na beirinha da floreira. O lugar era incómodo, mas ele ali se man-

tinha na negociata que minha mãe estava prestes a começar. Ajeitei o cabelo atrás da orelha enquanto os ouvia.

– Bem, o que pretende, então?

– Se a quer pintar, pinta-a aqui.

– Aqui?

– Sim, aqui. Aqui fora tem muito sol, muito ar fresco. Quero-a debaixo dos meus olhos. E a si também.

– E quando posso começar?

– Calma. Não terminei... Vamos ao que interessa. Quanto está disposto a pagar para a ter aqui plantada?

– Pagar, pagar... daria tudo se tivesse. Palácios e ouros! Mas sou modesto, senhora.

– Pois sim. Com modéstia, não há pintura.

– Mas podemos encontrar um concílio. Espere... posso dar-lhe 50 réis.

– Duzentos. Por 50 pinta-lhe a orelha.

– Duzentos? Duzentos? Mas isso ganha um juiz!

– E não há lei no belo, senhor. Quer pintar, paga.

– Duzentos. Assim seja, duzentos réis.

Deitou a galinha mole no alguidar, levantou-se. Secou as mãos na saia e esticou-lhe a mão enquanto me perguntava.

– Vês a coisa com bons olhos, rapariga? Queres ser um quadro?

– Eu gostava...

– Assim será.

Emídio, o pintor chato, respondeu tenso. Levantou o rabo dormente e apertou a mão húmida de minha mãe.

– *Pode começar amanhã. Às sete já o sol traz luz, por isso, traga lá o que tem a trazer, sem esquecer as moedas, e aqui terá a rapariga.*

– *Carolina... minha senhora... até amanhã, então.*

Saiu disparado, ajeitando o chapéu na testa molhada. Saiu com um sorriso nos lábios e mais sereno no passo que usou para a perseguição na calçada.

Nunca vi o quadro. Demorou dois meses. Quase todos os dias, de manhã, se plantava frente a nossa casa, na vila. Trazia tela e tintas, bata e água rás. Sujava-se muito e falava muito. Dizia-me, enquanto me encaixava os ombros no ângulo desejado, que tinha um rosto como poucos. Que os meus olhos tinham lume lá dentro e o meu sorriso a doçura do mel. E eu sorria. Porque Emídio, o homem chato, era um pintor intenso. E só ali, nas horas de descanso rígido, sentada no banco junto à floreira, pude compreender a sua paixão e vislumbrar o nascimento da minha. Por isso lhe lançava lume quando o mirava e cuspiam mel na expiração.

Congelei-me para o ouvir contar-me que a minha cara correria mundos. Que os meus cabelos sentiriam o vento das galerias de Paris e de Roma. Que mataria as mulheres de coíça e os homens de volúpia. Corava. Corava porque não tinha vestido para esses lugares. E ele serenava-me... Pintar-me-ia com o mais belo e rico traje. Com um brocado fino bordado a ouro e apliques de veludo alemão. Que me colocaria nas orelhas as pérolas do mar da Pérsia e no busto a simplicidade de uma pele despida. Corava.